

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

93

INSCRIÇÕES 416-419



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2012

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



FRAGMENTO EPIGRAFADO DE ALCÁCER DO SAL  
(*Salacia – Conventus Pacensis*)

Fragmento muito irregular de elemento arquitectónico (?) romano, recolhido, em 2010, nas escavações realizadas na igreja do Espírito Santo, no âmbito da recuperação do Museu Municipal Pedro Nunes, freguesia de Santa Maria do Castelo, em Alcácer do Sal, a 1,20 m de profundidade, a cerca de 10 cm da base de uma lixeira de materiais muçulmanos, em associação a alguns fragmentos de cerâmica comum romana.<sup>1</sup> Foi-lhe atribuído, no Museu Municipal, o nº ALC/IGES 405/10.

É de mármore branco do tipo Estremoz / Vila Viçosa, com venulações acinzentadas. Poderá ter sido, na origem, um elemento arquitectónico; está, porém, partido e foi reutilizado, dado que apresenta, na actual face lateral direita, um alisamento a escopro com 2 cm de largo. Por conseguinte, a não ser esta porção da face epigrafada, nada subsiste das superfícies originais.

---

<sup>1</sup> Identificou-se uma diacronia ocupacional, com uma potência estratigráfica com mais de dois metros de profundidade, documentando uma ocupação desde os sécs. III/IV a. C. até ao séc. XII, em plena época muçulmana, perdurando a sua ocupação como espaço funerário durante os sécs. XIV/XV a XIX. Apesar das destruições provocadas pelos enterramentos, pôs-se a descoberto um conjunto de estruturas correspondentes a pequenas habitações, poço e níveis de lixeiras; os materiais cerâmicos encontrados permitiram estabelecer uma cronologia para este contexto entre o Emirato e o período califal (séc. IX/X).

Dimensões: (15,5) x (12) x (7,2).

Campo epigráfico: (15) x (12).

[...] CA[...] / [...] [B *vel* P *vel* R]ITIC [*vel* O] [...] / [...]

Altura das letras: l. 1: (2,2); l. 2: 3. Espaços: 2: 1,7; da base do C até final do campo epigráfico: 7,2.

Caracteres actuários, gravados em bisel, com alguma profundidade no sulco, de vértices terminados com requinte (note-se, por exemplo, o vértice inferior do I com pequeno sulco para a direita), a indiciar a existência prévia de linhas de pauta hoje imperceptíveis. Nada pode dizer-se acerca da paginação, a não ser que, atendendo à regularidade do espaço 2, deverá ter sido cuidada, como, aliás, o recorte das letras o dá a entender: talvez apenas o A denuncie (pela obliquidade do travessão) um menor rigor, mas o traçado do C (ou O) é, por exemplo, esteticamente perfeito. A possibilidade de estarmos, por isso, diante de epígrafe para encastrar num edifício, não necessariamente funerário, afigura-se-nos possível.

Na l. 1, antes do C (de que resta menos do que a metade inferior) não temos vestígio de nenhuma letra; do A manteve-se a maior parte, faltando-nos praticamente apenas o vértice. Na l. 2, o sulco curvo pode pertencer, como sugerimos, a três letras, que assim o poderiam ter: B, P ou, com menos probabilidade, R, atendendo ao espaço curto que haveria para o lançamento da perna até ao I; o facto de a fractura ter ocorrido a meio da última letra visível traz-nos a dúvida: tanto O como C são admissíveis. O que se vê, na l. 3, tanto pode ser um ponto triangular (ainda que nenhum traço de letra se observe a seguir) como o vértice superior de alguma; contudo, a ser vértice, o espaço interlinear 3 seria maior do que o 2.

São, por consequência, hipotéticas as reconstituições admissíveis.

Claro que ver no CA inicial a palavra *CAESAR* (por extenso ou abreviado) é deveras aliciante, atendendo, inclusive, à possibilidade de a epígrafe ter um carácter monumental. Nessa ordem de ideias, a palavra da l. 2 situar-se-ia no domínio dos atributos imperiais e postulava-se adjectivo terminado em -ICVS; ora, não se descortina, por enquanto, palavra desse ambiente

honorífico que possa terminar em *-piticus* ou *-biticus*, mesmo que não apontássemos como datação para a epígrafe (somente podemos lançar mão dos falíveis critérios paleográficos) o século I d. C. (que é o que propomos) mas até o século II.

Outro vocábulo pode sugerir-se, lendo O: [HOS]PITIO. Situar-nos-íamos, então, verosimilmente, num texto enquadrável no mundo das relações de hospitalidade; mas nada mais de concreto se poderá aduzir, a não ser que o fragmento, pelo seu carácter invulgar, pertenceria a inscrição também não muito comum.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
MARISOL FERREIRA

